

o barco-íris

Lucas de Meira

Rega as flores, rapariga, partido coração. Os cravos, alvos, dançam ao chover imposto e impostor. Ela olha mas nada vê, nem o que mira. Não pensa no que faz, nem em parar o que. Borboletas e abelhas aguardam para pousar. Mas nem o vento, de grosseria, ousa. Quando água acaba, a moça se ereta. Quasestátua, o nada vislumbra. Tudo é vivo à sua volta e os passarinhos tentam convencê-la de tanto. Enfim, se espanta, quando se vê espantalho desprezado. Entra em casa e busca, no frio do chá, um sentido para o que há. Sente o mate matando as sedes, exceto a mais sedenta. Cospe como se quisesse cuspir-se no instante em que tocam a campainha. Pensa em pôr o olho no mágico, mas já querendo abrir a porta. Tocam de novo, e ela, lentamente, se põe ao trinco. Ao abrir, só vê na rua um caminhão, aos trancos, e um guri subindo o barranco, enquanto um outro, troteando campanhais outras, ri quase chorando. Ali ela fica, à porta, pose torta. Anoitecerá e ali estará. Alguém passará pela calçada e dirá um oi, retribuído por um levantar de sobancelhas, que ficarão ali, levantadas. Quando lembrar do chá, vai requentá-lo, só pra ver o vapor descendo pela pia. Vai folhear livros no sofá, novo dia chegará e regará de novo os cravos. Até tanto chover e trovejar e chover e trovejar. Na volta do sol, só um sorriso e a certeza de que quem a deixou está por lhe esperar. O paraíso.

Feliz do jardim, casulo da viuvinha.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/o-barco-iris>